

Métodos sociológicos

CAIO PRADO JUNIOR

Com o seu último livro, **CUNHA, TRADIÇÃO E TRANSIÇÃO EM UMA CULTURA RURAL DO BRASIL** (edição da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, S. Paulo, 1947) o prof. Emílio Willems apresenta os resultados de um tipo de estudo realizado pela primeira vez no Brasil, e que consiste na aplicação de métodos de pesquisa antropológica na análise de comunidades "não primitivas". Tais métodos são os preconizados por certa corrente sociológica, sobretudo nos Estados Unidos, e já deram lugar naquele país a várias pesquisas sistematizadas e relativas a pequenas comunidades. Entre elas se destacam as já famosas **YANKEE CITY SERIES**, realizadas sob a direção de W. Lloyd Warner. Parece-nos pois que sem subestimar as observações e informações do prof. Willems, tão preciosas sob certos aspectos, o que há para a crítica de mais interessante em seu trabalho são antes os próprios métodos de pesquisa empregados pelo autor.

O interesse de tal aspecto da questão é no caso tanto maior, que com esse trabalho do prof. Willems têm agora os estudiosos brasileiros à sua disposição um exemplo colhido aqui mesmo, e por isso de mais fácil apreciação para eles, da aplicação daqueles métodos. Não faltam ao prof. Willems (e esse trabalho sobre Cunha mais uma vez o confirma) as qualidades para realizar com todo rigor e técnica necessários uma pesquisa nos moldes que se propôs; e assim, analisando os resultados a que chegou, poderemos com segurança aferir o valor científico da própria metodologia preconizada por importante escola sociológica norte-americana, e que vem ultimamente exercendo grande influência no Brasil. Com a vantagem de lidarmos com um estudo que versa sobre assuntos brasileiros, e portanto com elementos que nos são mais familiares.

Do ponto de vista da coleta de material sociológico, a contribuição do prof. Willems e de seus auxiliares na pesquisa realizada é, como já afirmamos, preciosa. Ela nos traz boa documentação sobre importantes aspectos da vida social de uma região brasileira sem dúvida muito interessante. Mas será isso suficiente, do ponto de vista científico, e tendo em vista os propósitos de uma obra realizada com tamanho esforço? E não teria sido

aquela própria coleta de material prejudicada e mesmo grandemente comprometida para o fim de conclusões de alcance científico, por métodos inadequados de pesquisa? É a impressão que se tem ao terminar a leitura do livro, pois ela não leva realmente a nada, não oferecendo outro resultado concreto que uma coleção de fatos dispersos e sem suficiente articulação num conjunto coerente e cientificamente sistematizado.

A que atribuir tal disparidade e contraste entre o vulto da pesquisa efetuada, o grande esforço que patenteia, a riqueza de material recolhido, e doutro lado o parco resultado que apresenta como contribuição científica? Parece-nos que é ao método seguido e aplicado com rigor pelo prof. Willems que se deve atribuir a maior parcela de responsabilidade, senão toda ela, por isso que poderíamos quasi considerar um fracasso. Efetivamente, observa-se com bastante nitidez que a falha essencial do trabalho que analisamos é a ausência completa de qualquer idéia diretriz. O autor propôs-se uma finalidade que declara em seu prefácio: a observação das esferas de cultura *caipira* "em que o contraste entre a tradição e a transição se está tornando evidente". Mas não se deixa guiar por nenhum plano racional ou sistema de idéias, afora um esquema puramente formal de classificação de fatos. E faz isso conciente e deliberadamente, em nome de uma pseudo-objetividade que constitui a norma fundamental do método que adota. Obediente a tal método, limita-se a coligir os fatos que vai observando, e depois de registrá-los, encaixa-os mecanicamente em seu esquema de classificação, padronizado e rígido, que tanto serve para Cunha, como para Yankee City ou uma comunidade aborígena da Australia. Ou antes, que não serve convenientemente para nenhum desses casos ou outro qualquer.

Está claro que por esse processo torna-se impossível articular coerentemente o conjunto dos fatos observados; relacioná-los com um critério científico que permita sua interpretação racional. Vejamos no estudo do prof. Willems um exemplo típico de tal processo esquemático e formal de reunir e agrupar os fatos observados. Na parte II estão encaixadas suas observações relativas à *estrutura social* (discriminação das classes sociais); a organização econômica já pertence a outra gaveta, completamente aparte da classificação: a *cultura* (parte III). E por estranho que pareça, não somente essa organização vem depois da análise da estrutura social (de que é evidentemente a base essencial), como entre os dois capítulos não aparece conexão alguma. E não se trata apenas de um defeito de exposição. Os dois assuntos foram tratados independentemente um do outro; tanto que faltam no trabalho do prof. Willems dados suficientes para ligá-los entre si, relacioná-los intimamente como deveria ser feito.

Vê-se pois que o defeito está na própria coleta de material e no critério nela seguido. Na falta de idéia diretriz, o autor ficou na contingência de se colocar passivamente ante os fatos que observava, e limitar-se a registrá-los quasi como um autômato. Não lhe foi possível um trabalho ativo de investigação, como deve ser a norma de qualquer pesquisa científica, onde cada fato observado abre novas perspectivas, revela a existência de outros fatos ou relações menos aparentes que precisam ser desvendados e analisados.

Em consequência, a pesquisa realizada pelo prof. Willems não podia resultar em outra coisa que nessa coleção desarticulada de fatos que apresenta; e além disso, incompleta e deficiente. E a comprovação de que foi o método empregado que sobretudo prejudicou seu esforço e o comprometeu tão gravemente, está em que se percebe muito bem, embora com algum esforço, que não escaparam ao autor algumas circunstâncias gerais que deveriam ter servido de linha diretriz em sua investigação, não fôsse a posição constrangedora em que voluntariamente se colocou com seu nefasto método. Assim, por exemplo, êle compreendeu muito bem que os fatores de evolução e transformação da vida social de Cunha são contradições econômicas patentes. A prova dessa compreensão está nas suas conclusões (pg. 169) onde, dos nove fatores de "instabilidade" (é a expressão empregada) que apresenta, sete são expressamente daquela natureza. Dos últimos dois, o de n.º 3, ou seja "a imigração de indivíduos portadores de elementos culturais divergentes", liga-se evidentemente a circunstâncias econômicas (embora o autor, sempre fiel a seu método, recuse-se mais uma vez a ir ao fundo dos fatos, que somente lhe interessam naquilo que têm de direta e exteriormente apreensível). Quanto ao último fator apontado, o de n.º 9, êste encerra uma destas fórmulas misteriosas somente acessíveis aos iniciados da sociologia acadêmica dos norte-americanos. (1)

Verifica-se assim que o prof. Willems teve nas mãos a oportunidade de uma sistematização científica de seu trabalho; mas obcecado pelo método a que se cingiu, deixou escapá-la; ou antes, desprezou-a conscientemente. Coordenar fatos observados numa síntese que os relacione e explique mutuamente, abrindo com isso novas perspectivas para outras investigações e pesquisas, êsse procedimento é, para a escola a que pertence o prof. Willems, infração grave e irreparável do preceito da objetividade científica. "Fiquemos na exterioridade e superficialidade dos fatos diretamente acessíveis; não correremos assim nenhum risco de errar": tal é a norma fundamental dêsses sociólogos "objetivos". Nada de

(1) — "A incoerência crescente da cultura em que avulta o emprêgo simultâneo de recursos racionais, e não racionais, em contacto com forças outrora controladas por meios religiosos e mágicos".

interpretações: a sociologia nada mais é que um passatempo e uma forma de legitimar títulos de *sociólogo* e *professor*...

Não é de admirar assim que as conclusões a que chega o prof. Willems, classificadas e numeradas como tudo mais, apresentem-se ao leitor como um ról de roupa lavada, muito bem ordenado, mas que pouco ou nada acrescentam ao verdadeiro conhecimento do assunto em profundidade. Tanto mais que não se ligam coerentemente com o corpo da obra, surgindo no seu termo como caídas do céu. Ao deparar com elas na última página, o leitor não se acha absolutamente preparado para recebê-las. Não contestamos que representem as conclusões a que chegou o prof. Willems; nem que elas decorram, no seu espírito, das observações realizadas. Mas essa decorrência encontra-se disfarçada pelo método de pesquisa e exposição a que se cingiu o autor, e que não conduzem o leitor a outra coisa que à constatação de uma lista de fatos formalmente catalogados. "Conclusão" num trabalho como êsse, é *síntese* e *interpretação*; e não ha síntese nem interpretação possíveis quando se alinham fatos desconexos e não articulados por uma idéia diretiva.

O método adotado pelo prof. Willems ainda conduz a outras consequências deploráveis, pois êle é incapaz de revelar o caráter dialético, isso é, evolutivo, mutável, dos fatos sociais. O próprio tema escolhido pelo prof. Willems é dialético por definição: *Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*, é o subtítulo de seu livro. No entanto, êle se mostra incapaz de pôr em evidência a dinâmica dos fatos que observa e julga analisar. Para isso não basta — como bastou ao autor — alinhar lado a lado, como está nas suas conclusões, duas séries de fatores sem conexão aparente entre si; não basta a referência, como ocorre ao longo de toda a obra, de duas ordens de fatos classificados respectivamente como sendo expressão da *tradição*, de um lado, da *transição*, de outro. Seria preciso mostrar como cada elemento social se transforma permanentemente em outro, dando assim lugar à evolução da comunidade observada do passado para o presente; e também do presente para o futuro. É a descrição desse processo na sua intimidade; a revelação de seu conteúdo de lutas e conflitos, de suas fases de crescimento quantitativo e de mutações bruscas; é isso que constituiria verdadeiramente a explicação e interpretação científica do assunto tratado. Uma sucessão de quadros, de fotografias instantâneas, isso pode representar a matéria prima bruta de um estudo social. Mas está longe, muito longe de uma análise científica. É o minério de ferro relativamente à máquina terminada. E o prof. Willems, quando muito, nos fornece uma parte daquela matéria prima.

O grande erro da escola sociológica que infelizmente o prof. Willems segue em seu livro com tanta ortodoxia, consiste em

confundir relatório de fatos com ciência, que é coisa muito diferente. Relatórios são próprios de inquéritos burocráticos destinados simplesmente à apuração de fatos. Ciência, ao contrário, embora partindo dos fatos, vai além deles: é a sua interpretação, explicação, síntese e sistematização dentro de um conjunto que abranja não apenas os fatos observados numa pesquisa em particular, mas todos os demais já conhecidos anteriormente; e dentro do previsível, aqueles a serem constatados no futuro. É um tal programa de trabalho científico só é realizável na base de um sistema racional e preestabelecido de idéias que represente a síntese do trabalho científico anteriormente realizado, e serve de fio condutor para novas pesquisas encetadas. É assim que procedem tôdas as ciências que maiores progressos já alcançaram. Por que não será o mesmo nas ciências do homem? Observe-se como trabalham e progridem os físicos e naturalistas. O seu ponto de partida é sempre, em qualquer pesquisa ou estudo, uma teoria, um sistema de idéias, à luz de que marcham em busca de novos fatos ainda não observados e que venham comprovar aquela teoria, completá-la ou eventualmente a infirmar. É em função daquela idéia diretriz que tais fatos são analisados, procurando-se entrosá-los na teoria preestabelecida; ou então, sendo o caso, modifica-se essa teoria, reajusta-se; ou mesmo supera-se com outra mais ampla e capaz de englobar todos os conhecimentos anteriores.

Por que seguir nas ciências sociais um caminho diferente? recusar-se a êsse trabalho de elaboração teórica, ficando no empirismo rudimentar dos fatos que não leva e não pode levar a mais que uma catalogação puramente formal? Existe para isso uma explicação que tem raízes filosóficas profundas. Apesar de sua vangloriada "objetividade" e um aparente desprezo por idéias gerais, o fato é que os sociólogos a que nos estamos referindo são, embora muitas vêzes inconscientemente, os mais sectários adeptos de uma filosofia que se encontra na base de todo seu pensamento: a da ordem estabelecida, que a interpretação aprofundada dos fatos sociais compromete gravemente nesta fase histórica em violenta mutação na qual vivemos. "É preciso não penetrar muito a fundo na realidade social contemporânea; considerar apenas os fatos nos seus aspectos exteriores e formais, sem correr o risco de desvendar o processo fundamental evolutivo ou dialético de que tais fatos não são senão a expressão aparente. Não levantar sobretudo os problemas que as contradições e os conflitos em andamento suscitam, e não permitir que se revelem as perspectivas abertas para a evolução atual da humanidade".

Nada ilustra melhor o caráter dessa sociologia reacionária e escamoteadora da realidade social que o último volume publicado das já citadas YANKEE CITY SERIES, êsse modelo e padrão para todos os adeptos de tal sociologia. Em meio de sua tarefa,

os pesquisadores de Yankee City viram-se surpreendidos por uma greve geral na principal e praticamente única indústria da localidade: a de calçados. Teria sido por demais escandaloso calar o fato. E assim, depois da série clássica de assuntos, englobados nos três primeiros volumes (estrutura social, relações de classe, padrões étnicos), acrescentou-se mais um referente à greve (1).

Desde logo se verifica como o método adotado pelos pesquisadores é inadequado para esse tipo de análise. Porque evidentemente numa greve, torça-se o assunto como se queira, é impossível ignorar ou disfarçar o conteúdo revolucionário e dialético desta expressão máxima da luta de classes na sociedade burguesa atual que é a cessação coletiva do trabalho na indústria. Como nessas condições encerrá-lo dentro de um esquema formal e estático, como este que proporciona o método que os pesquisadores pretendiam aplicar? Viram-se eles porisso na contingência de sacrificá-lo. Só ocasionalmente o empregam; ou antes, fazem um esforço descomunal para se conservarem fiéis a seus princípios. Esforço cujo insucesso é patente, e serve apenas para empanar uma análise que em conjunto não tem nada de "antropológica", e não é na realidade senão uma destas belas reportagens para as quais os publicistas norte-americanos se mostram em geral tão capacitados.

Mas se, libertados por força das circunstâncias da camisa de força de um método inteiramente inadequado para dar conta dos fatos sociais na sua realidade profunda, evoluem com mais desembaraço, privam-se doutro lado dos "freios de segurança" que tal método lhes teria proporcionado. E são obrigados a reconhecer certas verdades que se acordam muito mal com a estabilidade do mundo capitalista. Assim a profundidade da contradição capital-trabalho nos Estados Unidos (aliás no mundo capitalista em geral), e a impossibilidade de resolvê-lo com a organização político-econômica vigente e os padrões clássicos da economia norte-americana: a livre-iniciativa e a concorrência. Encostados com isso à parede, lançam ao mar suas últimas convicções metodológicas, e sem hesitação entram para o terreno das soluções que preconizam para o mundo de amanhã: uma estrutura internacional cartelizada, isso é, inteiramente dominada e gerida por cartéis ou monopólios capitalistas! (pg. 195). Belo remate para uma obra que deveria servir, como está servindo, de modelo de aplicação desse pseudo-método científico; e flagrante indício do que atrás dele se esconde...

A extensão do chamado método "antropológico" à pesquisa social não serviu apenas para disfarçar uma realidade pouco inte-

(1) — *Yankee City Series. Volume four. The social system of the modern factory. The Strike: a social analysis by W. Lloyd Warner and J. O. Low. New Haven, Yale University Press, 1947.*

ressante para a firmeza da ordem social vigente. Vai servir em última análise de plena justificação dessa ordem. Vejamos como se aplicou um tal golpe de mestre; insidioso aliás, e porisso tanto mais perigoso. Aquela extensão importava fundamentalmente na introdução do conceito de "cultura" no domínio da sociologia. Ora, êsse conceito, estático por natureza (assim é pelo menos nos termos em que habitualmente se apresenta), pode ser útil numa primeira aproximação da análise de comunidades, grupos sociais ou civilizações de que se dispõe apenas de informações precárias e de conhecimentos rudimentares. Torna-se possível nesses casos abordar indiretamente certas questões em que faltam dados diréto, como por exemplo as relações entre povos e civilizações distintas, suas migrações e influências à distancia, etc.. Empregado nesse sentido, o conceito de *cultura* tem-se revelado muitas vezes fecundo, permitindo conclusões que por outros meios seriam impossíveis. Mas é preciso nunca perder de vista que em tudo isso não se trata senão de um aspécto muito parcial da sociedade humana, e que tal conceito de cultura é antes um elemento introduzido como processo metodológico, simples instrumento de pesquisa.

Daí para sua transformação numa "realidade em si", fazendo-se da *cultura* uma espécie de atributo ou qualidade inerente à natureza de um grupo social, vai uma grande distância: a mesma que separa a ciência da peor das metafísicas. E essa distância foi transposta (aliás sem mesmo tentativa de justificação teórica, que nunca foi feita e é impossível) pela corrente sociológica que estamos analisando.

Os resultados, do ponto de vista de uma tal sociologia conservadora e já hoje tremendamente reacionária, fôram esplêndidos. A conclusão lógica a que será levada, partindo das premissas propostas, consistiria em nada menos que a plena justificação do capitalismo como expressão legítima da "cultura" dos povos modernos; e como tal, irremovível a não ser por deformação artificial e altamente prejudicial ao bem estar dos homens. Não é impunemente que se força a "cultura" de uma sociedade humana, dirão aqueles sociólogos triunfantemente; seria o mesmo que violentar a própria natureza.

Como se vê, a propriedade privada dos meios de produção, a mais valia e a exploração do trabalho humano são por êsse golpe de mágica sociológica promovidos de simples expressão momentânea de um processo social contraditório, e fadada porisso a desaparecer por fôrça dessa mesma contradição, à categoria de um atributo ou uma qualidade de sabor aristotélico-escolástico, imanente à sociedade em que vivemos.

O truque é perfeito. Ha aqueles que o aplicam concientemente. Para êsses, é claro que de nada servirão argumentos e

considerações de ordem teórica. Se virem seu truque desmascarado e desmoralizado, não terão dificuldade em descobrir outros. Mas ha muitos que de boa fé se iludem ainda com o aparato e a fraseologia científica que acompanha aquela pseudo-sociologia, e deixam-se porisso arrastar sem discernirem para onde estão sendo levados. Tanto mais que tal sociologia penetrou já em nossas escolas, e é fartamente alimentada com bolsas de estudo e de pesquisa. O seu veneno subtil vai assim apanhar a juventude estudiosa na fase decisiva de sua formação intelectual, e quando não dispõe ainda de defezas suficientes contra o charlatanismo na ciência. Com relação a êstes, cumpre a todos quantos respeitam a verdadeira cultura (no bom sentido) uma posição vigilante e uma ação enérgica no sentido de esclarecer os iludidos, a bem da própria ciência e do progresso humano a serviço de que deve estar aquela ciência.